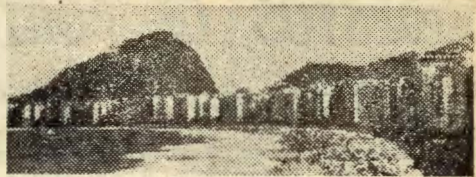


CARTAS DO BRASIL

por CHIANCA DE GARCIA



BOLA, LIVROS E MULHERES

SEGUNDA-FEIRA

No dia em que os craques brasileiros da Taça do Mundo chegaram a Londres, um jornal carioca esnobava no alto da sua primeira página: «Ingleses, chegam!»

De facto, eles lá estão. E todos nós, os oitenta milhões que ficámos, caímos no transe maravilhoso de acreditar. Estou escrevendo nas vésperas do primeiro jogo. Tudo por aqui parece acontecer como se nada fosse. Mantém-se o tráfego tumultuoso de todos os dias. Mas as buzinas só sabem repetir: — «Pelé, Pelé!»

As máquinas, todas as máquinas, grandes e pequenas, ou em milhares de escritórios nos dedos das dactilógrafas, ou incisas na violência das grandes indústrias, ou ensurdecedoras no ritmo das perfuradoras esburacando as ruas, aqui estão todas elas gritando sem descanso: «Pelé, Pelé, Pelé!»

Os computadores electrónicos, enlouquecidos, respondem a todas as perguntas: «seremos campeões do Mundo!» e até os sinos das igrejas, imitando as batidas dos nossos corações, cantam: «Pelé, Pelé, Pelé!»

Bem. O futebol em Portugal entra, agora, pela primeira vez, na Taça do Mundo. Vocês são, portanto, neófitos. Vão aceitar, seja lá o que acontecer, sorridentemente, vamos dizer melhor: desportivamente. Mas a verdade é que as vitórias maciças do Brasil no espaço de oito anos criaram uma mentalidade que ultrapassa a ideia de competição desportiva. Resolveu-se que o Brasil vai buscar o que, por direito divino, lhe pertence. A taça, portanto, é nossa. E para sempre. Sim. Pelé está lá. Garrincha está lá. Gilmar está lá. Para quê, pois, admitir que jogo é jogo, e que jogo, como a moeda com que se escolhe o campo, tem duas faces? De um lado o azar, e certo

(mas para os outros). Do outro lado, a sorte, mas essa é brasileira, no duro.

TERÇA-FEIRA

Que mais dizer agora se na verdade hoje, aqui no Brasil, só vivemos pensando, prevendo e antecipando hipóteses, exclamações, táticas e resultados dos jogos da Taça do Mundo?

QUARTA-FEIRA

Luis Forjaz Trigueiros está nas recordações dos meus tempos de tertúlia, nos cafés aliteratados de Lisboa, e mais ou menos tenho encontrado o seu nome nas minhas escassas possibilidades de contacto com a literatura portuguesa contemporânea. Esteve, recentemente, no Brasil, mas não tive ocasião de vê-lo, nem de ouvi-lo. Foi pena. A distância cria uma espécie de maçonaria (com perdão da palavra) que reacende velhas fogueiras mortas, com cinzas de anti-saudade. Mas não esqueço alguns artigos de Luis Forjaz Trigueiros, que, por volta de 1938, revelando Jorge Amado, Zé Lins e outros, influíram no meu interesse em vir conhecer o Brasil. Mas agora dá-se o inverso. Luis Forjaz Trigueiros, aqui no Rio de Janeiro, numa entrevista de jornal, teve a feliz oportunidade de citar alguns nomes de escritores portugueses completamente desconhecidos, é claro, no mundo imenso das livrarias cariocas: — Maria Judite de Carvalho, Baptista Bastos, Fernanda Botelho, Almeida Faria, António Borge, Artur Portela Filho e Tomás de Figueiredo. Falou, ainda, de Virgílio Ferreira, mas esse para mim não era desconhecido, assim como Urbano Tavares Rodrigues, também citado. Bem. Mas serão só esses os escritores que uma autoridade como Luis Forjaz Trigueiros deveria trazer ao conhecimento dos que, neste lado do Atlântico, são susceptíveis de se interessar pelos escritores portugueses, sejam eles da geração de 39, 40, 50 ou 60?

Eis a minha dúvida. E então José Rodrigues Miguéis? E Alves Redol? E José Gomes Ferreira? E Carlos de Oliveira? E Manuel da Fonseca? E porque não falar de um autor que tem agradado sem restrições a aqueles brasileiros cultos, a quem dei a ler algumas das suas obras; e que sempre põem restrições à dificuldade de entender a, por vezes cerrada, moderna literatura portuguesa? Quero referir-me a José Cardoso Pires.

Lapso, por certo, mas digno de reparo para um escritor que, como diz o repórter que o entrevistou, «sabe separar os compromissos ideológicos das atitudes estéticas»...

QUINTA-FEIRA

Vale a propósito lembrar José Cardoso Pires. Desconhecia seu nome até chegar às minhas mãos «O hóspede de Job». Falei desse livro nestas Cartas do Brasil. O ano passado tive o prazer de receber outro volume: «O anjo ancorado», onde numa prosa pu-

CARTAS DO BRASIL

(Continuação da página central)

ra, solta, fragmentada, nitida, embora fluidica, surge algo de novo na literatura portuguesa. Um escritor para elites? Talvez. Mas, por certo, mais fácil de ser compreendido no Brasil do que outros, sem ambiguidade, mas escrevendo num estilo derramado e com um vocabulário inaccessível para brasileiros.

Mas se falo hoje de José Cardoso Pires é porque o correto me trouxe, agora, vindo de Lisboa, o seu novo livro: «Cartilha do Marialva». Um espadachim fazendo escorrer sangue em gloriosas estátuas de bronze.

SABADO, DE MANHÃ

Trata-se de um ensaio que revela com lucidez a mistificação

criada em volta da mulher, em Portugal, através dos séculos. Dá José Cardoso Pires, aos responsáveis por essa mistificação, o nome de Marialvas. Isso me fez lembrar o passado. No meu tempo de criança conheci intimamente, por ligações com minha família, alguns dos derradeiros Marialvas. E porque os conheci, não posso considerá-los, sem sorrir (a eles, nascidos e criados no bairro de São Vicente) como representantes de poderosas forças rurais, de gorra ainda por cima com alguns dos maiores nomes da literatura portuguesa, numa luta feroz para conservar a mulher, em Portugal, no mais negro obscurantismo. Fui até procurar num velho dicionário a definição de marialva. Lá encontrei os boémios, os libertinos, os estoira-

-vergas, do meu conhecimento, todos herdeiros dos famosos quatro costados da doidice: música, poesia, valentia e amor, tão perigosamente anunciados por Dom Francisco Manuel de Melo. Não, os verdadeiros Marialvas não têm nada a ver com os marialvas de José Cardoso Pires. Devo, por isso, confessar a minha ignorância. Vivo longe e, por isso, não sabia que tinham vestido outra personagem com as roupas dos Marialvas...

SABADO, A TARDE

Há, digamo-lo com José Cardoso Pires, marialvas em todo o mundo (nunca os verdadeiros imaginaram tamanha honra). E se ele atribui com imenso brilho ao autor da «Carta de Guia dos Casados» a responsabilidade de ser dos primeiros, em Portugal, a escravizar a mulher, com os seus terríveis axiomas, fechando-a na cozinha e no quarto dos filhos — o que ele escreveu em bom português —, não o teria lido ou aprendido em outras línguas?

Mas estará, de facto, o problema da mulher resolvido em qualquer recanto da Terra? Pode a mulher ser livre e independente? Que acontece na América? Transcrevo do inteligente volume de José Cardoso Pires: «No ensino verifica-se a glorificação da house-wife, usando ostensivamente o emblema esposas e mães, e noutros estabelecimentos o lema é este: — «A instrução que ministramos aqui não se destina a fazer génios mas autênticas esposas».

E no Brasil? Tenho aqui o «Correto da Manhã» de hoje. Numa página, o professor Silvano Arieti, da Universidade de Medicina de Nova York, afirma:

— «Atribuo a esquizofrenia do mundo de hoje às mulheres que vivem convencidas de que a maternidade não é um fim, — e para as quais o lar não é uma instituição». E encontro isto numa outra página: — «O fim que a mulher procura, diz a professora Paulina Kas: — é total igualdade aos direitos do homem. A mulher, hoje em dia deixou de ser um coração, para ser responsabilidade e integridade em prol do progresso».

SABADO, A NOITE

Em que ficamos? Reconheço, por exemplo, que Simone de Beauvoir é uma mulher independente. Para ser livre não se casou. Para ser livre não quis ter filhos. Solução que a ser tomada por todas as mulheres seria uma coisa ótima. Acabavam os soldados e, portanto, acabavam as guerras. Mas também acabava o Mundo!

C. de-G.